

ESSE TEMPO QUE NÃO PASSA

seguido de

A CABINE DE TREM

ESSE TEMPO QUE NÃO PASSA

seguido de

A CABINE DE TREM

J.-B. PONTALIS

tradução Lívia Bueloni Gonçalves



*A François Gantheret,
como testemunho de uma amizade
que ignora o tempo que passa.*

Sumário

ESSE TEMPO QUE NÃO PASSA	9
<i>Tempo outro e outro tempo</i>	
A estação da psicanálise	13
Instantâneos	41
<i>Movimentos</i>	
Processo ou travessia?	49
No princípio do movimento	67
Do outro lado do Atlântico ou breve encontro com um porco-espinho	79
<i>Encarnações</i>	
isso em letras maiúsculas	93
O sopro da vida	117
Referências bibliográficas	129
A CABINE DE TREM	137
Origem dos textos	203

**Esse tempo
que não passa**

Tempo outro e outro tempo

A estação da psicanálise

Qual o ensinamento que a psicanálise nos oferece – quero dizer a experiência, a *comprovação* da análise, ou, o que é a mesma coisa, a comprovação do estranho – a ponto de podermos considerá-lo seu principal ensinamento, talvez o único? É que o tempo não passa.

Consequência: a psicanálise não é, não pode ser, de seu próprio tempo. Ela não é de outro tempo, mas de um tempo outro. É anacrônica, ou melhor, para usar a palavra de Nietzsche, intempestiva. Ela é, ela deveria ser indiferente ao espírito do tempo.

Essa revelação de um tempo *outro* desafia todas as nossas concepções de tempo: de um tempo cíclico, se considerarmos a rotação do nosso planeta ou o retorno periódico das estações; evolutivo, se nos referirmos ao desenvolvimento das espécies e dos organismos; linear – não seguindo uma linha reta, mas seguindo uma linha fragmentada – se reconstituirmos o curso da história humana. Ela contraria nossa percepção comum: a dos anos que nos escapam por entre os dedos, a da queda vertiginosa dos grãos de areia na ampulheta, a dos nossos dias e do seu ritmo próprio, a do nosso corpo e da nossa mente quando nós os sentimos ganhar força ou declinar.

Basta pensar na confusão que os historiadores provocam quando nos confrontam com a extrema diversidade de calen-

dários nas civilizações antigas¹ ou quando nos falamos da lenta invenção do relógio.² Como viviam aqueles que não contavam o tempo ou o contavam de uma forma diferente de nós? E quem não conhece o transtorno que a mudança de fuso horário causa em um viajante, principalmente na travessia de um continente a outro?

Mas essas são apenas diferenças na ordem do tempo, ou variações nas unidades de medida, com tudo aquilo que tal medida implica em relação a controles e restrições. O que dizer, então, do encontro com um *tempo sem medida*? Nossos pacientes têm esse encontro, por vezes com a emoção de uma “primeira vez” que condensaria todas as outras, por vezes com uma espécie de desânimo.

Com emoção, quando de repente, sem aviso, emerge dos bastidores uma cena que, devido à vivacidade de seu surgimento – de seu surgimento mais do que de seu conteúdo – não se apresenta a eles ou a nós como uma lembrança, mais ou menos situável em uma cronologia, mas sim como uma *aparição*, em afinidade não com a alucinação mas com o alucinatório dos sonhos. Pegar, do fundo de uma gaveta ou de uma caixa de papelão, uma fotografia sem data, aquilo que antigamente se chamava de “instantâneo”, pode produzir efeito semelhante. Eis um momento que dá origem a outro momento, mais carregado de emoção do que o primeiro, porque nele está depositado todo um mundo. Eis um *passado presente* que eu instigo em vez de me sentir determinado por ele. Ao mesmo tempo uma perda e

.....

1. Cf. POMIAN, Krzysztof. *L'Ordre du temps* [A ordem do tempo]. Paris: Gallimard, 1984.
2. Cf. LANDES, David S. *L'Heure qu'il est* [Que horas são]. Paris: Gallimard, 1987.

um achado (sob a forma de uma redescoberta), esse regresso ao passado me leva adiante.

Não estamos longe de Proust.

Com desânimo, como demonstra a queixa acusatória reiterada por esta paciente: “Quando penso que aos quarenta anos ainda estou aqui!”

Aqui, ou seja, num espaço fechado, a portas fechadas, em uma “quarentena” onde estaria fadada a residir indefinidamente. *Aqui*, onde ela se mostra para mim encarnando dolorosamente esse título: “Inibição, sintoma e angústia”. *Aqui*, lutando com o gozo ignorado de uma mãe que ela não cessa de examinar através de mim; *aqui*, lutando com a enorme sedução exercida sobre ela por esse pai intocável.³ Ela nada mais é do que o receptáculo dessas figuras, é com elas que mantém um debate interminável, é com elas que fala ou, completamente ocupada por elas, que se cala, emparedada no seu silêncio, como se tivesse desistido definitivamente de modificá-las, como se ela própria não existisse; ou, mais radicalmente, como se estivesse simultaneamente incluída e excluída de alguma “cena primitiva” que, sendo por natureza irrepresentável, só poderia ser representada sob a forma de impulsos e de uma paralisia do pensamento. Porque o acoplamento, aqui, é aquele do pensamento e de uma sexualidade “selvagem”, sem medida. Acoplamento, conjunção distante de qualquer erotização do pensamento. Falar em público, para essa mulher, é obsceno; receber um telefonema, uma invasão. Entre ela e o outro, apenas uma parede: uma divisória fina, ao mesmo tempo opaca e transparente. Aos filhos ela transmitirá –

.....

3. Um pai que se defende de qualquer “sedução” em relação à sua filha e que não se deixa seduzir pela sua feminilidade é mais mortificante no seu desprezo do que um pai “sedutor”.

é esta sua convicção – a paixão destruidora que há nela. Ela acreditava, queria acreditar, que seu analista queria aniquilá-la.

O tempo está congelado, recusa qualquer temporalidade, em outras palavras, qualquer movimento: “Quando penso que aos quarenta anos ainda estou aqui!”. Ela está paralisada diante da porta fechada.

Trata-se de uma outra forma de passado presente, em que parece inoperante qualquer efeito *a posteriori*. Para sempre sou este nada. O que me anima (a minha alma) não é meu. No princípio, desde o início, o “fim de partida”. E depois, de novo e de novo, “sobressaltos”. Por toda parte, “impedimento”.

Desta vez, estamos próximos de Beckett.

O sonho já havia ensinado a Freud que o tempo não é o que as pessoas dizem dele. Não é irreversível, não segue o seu curso, lento como um rio, como manda a tradição, ou a toda a velocidade, como uma flecha a atravessar o espaço, tendo as duas imagens em comum o fato de atribuírem ao tempo uma direção. O sonho, ao contrário, recua rio acima e galopa rio abaixo. Ele mistura os tempos, percorre-os em todas as direções, cria estranhas simultaneidades, faz ritmos diversos coexistirem, avança em câmera lenta ou acelerada que pode congelar de pavor ou preencher de beleza, como demonstrado por Mack Sennett e também por Robert Bresson – dá vida aos mortos, faz aparecer os desaparecidos. Para “desatar” as representações – ou para desvincular o significante do significado –, o desatamento deve primeiro ser exercido sobre o tempo. Sim, o sonho desata o tempo.

Quando o sonho se torna uma narrativa, será enquadrado a uma lógica temporal: sua narrativa será pontuada por “antes”, “depois”, “em seguida”, “então”, mesmo que continue a apresentar

características “absurdas” no que diz respeito à ordem do tempo. Terá um princípio e um fim, será organizado como um filme em sequências, ao passo que um sonho, como tendemos a ignorar, é sempre feito de uma série de imagens que se dão todas no tempo *presente*. De “há um sonho” passamos, quase sem querer, a “eu tive um sonho” e depois recuperamos uma posição no tempo, ainda que vacilante, quando o sonho não se desprende de nós e continua a nos impregnar.

Durante o tratamento, Freud – e, como ele, todo analista – será confrontado com uma experiência do tempo diferente daquela do sonho, mesmo que tenha semelhanças com esta última. Freud teve mais dificuldade em reconhecer a especificidade dessa experiência do que no caso *princeps* do sonho. Ela é tanto mais desconcertante quanto é efetivamente dupla. Ela é assim em seus próprios fundamentos. Obriga-nos a *refletir em conjunto* – entendo isso como não conciliar, mas manter em tensão – dois dados que se contradizem: por um lado, a existência de um fora do tempo (o *zeitlos* inconsciente) e, por outro, o tempo da sessão, para alguns de nós medido em minutos, bem como a duração do tratamento. “*How many analytic hours?*”, perguntam os defensores da contabilidade – para muitos, esta seria a pergunta que serviria como único critério para decidir o que é análise e o que não é!

E depois, não esqueçamos que, bem antes de Freud, o sonho [*rêve*] era considerado, sob a bela palavra “*songe*” [sonho] e sua visitação, como vindo sempre de outro lugar, era abordado como potência e mensagem obscuras, como emanção do desconhecido, qualquer que fosse o nome dado a ele – deuses, anjos ou demônios, órgãos do corpo que reclamam seu direito

à expressão,⁴ abismos ou... o inconsciente. Mas a estranheza dos sonhos nos é familiar. Ela é nossa companheira, mais ou menos civilizada. O que o sonho traz de violência sexual e assassina, nós nos esforçamos para colonizá-lo.

Fazer o encontro com um tempo *outro*, enquanto estamos acordados, falando, ocasionalmente raciocinando, capazes de recordar o nosso passado e de antecipar o futuro, de diferenciar ambos do presente, é um assunto perturbador para o qual nada nos prepara. Aqui estamos sem pontos de referência.

Percebo que ao me referir a esse tempo outro sem conseguir circunscrevê-lo, aludindo a ele apenas em termos negativos (aquilo que ele não é, aquilo em que é diferente), estou sem dúvida apenas falando da transferência. Transferência cujo destino ainda permanece incerto, embora sua existência não esteja em dúvida. A transferência que, como sabemos, ultrapassa a pessoa do analista e que não é menos excessiva em relação a qualquer figura real ou imaginária do passado. Transferência fora da figura, fora do tempo e fora da linguagem. Uma maneira de agir, um *Agieren*, dizia Freud.⁵ Uma paixão ativa, exigente, intensamente atual, mas sem idade.

Pudemos reconhecer nas duas formas de passado presente que acabo de evocar rapidamente as duas orientações freudianas relativas àquilo que o tratamento produz: a rememoração, a repetição. No entanto, não nos apressemos em recorrer a essas palavras.

.....

4. Penso em um paciente para quem a “fábrica” dos seus sonhos é seu intestino e que procura evacuá-los através da sua narração.
5. Cf. PONTALIS, J.-B. “A estranheza da transferência”. In: *A força de atração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

Freud, com frequência, soube dar nomes a coisas que não tinham nome. Mas o uso de uma língua também é a sua deterioração. E o coautor de um *Vocabulário*, ainda que a empreitada tivesse uma finalidade oposta àquela de fixar o sentido das palavras, talvez seja mais sensível do que outro a essa deterioração, a essa entropia inevitável⁶.

Segunda razão, ainda mais forte, para não ter pressa na escolha das palavras do nosso vocabulário: Freud gosta dos termos linguísticos que todos podem usar. É o nosso bem comum. Ele não ignora seus recursos, e “rememoração”, “repetição”, estão entre eles. Mas flexiona o sentido, assim como todos aqueles a quem podemos atribuir a criação de uma obra do pensamento ou de uma obra literária. Às vezes, sem perceber, as obras trabalham com a língua, violentando-a tanto quanto ela as violenta. (daí, entre parênteses, a dificuldade inerente a qualquer operação de tradução: se insistirmos na inflexão do sentido, mesmo na sua subversão, incorreremos na tecnização excessiva, forjaremos uma neolíngua, e então estaremos próximos de uma perversão da língua; se, pelo contrário, queremos ficar o mais próximo possível da linguagem comum, corremos o risco de apagar o próprio valor que a obra, aos poucos, foi atribuindo a tal ou tal termo. Sabemos da acuidade polêmica desse debate interminável na França, tanto em relação a Freud quanto a Heidegger ou Hegel.)

Então, *rememoração*. Vamos pensar nos primeiros tratamentos relatados por Freud. Aparentemente, trata-se principalmente da memória. A histérica sofre de reminiscências e é curada por

6. Pontalis é coautor, juntamente com Jean Laplanche, do livro *Vocabulário de psicanálise* (São Paulo: Martins Fontes) [N.E.]

um trabalho de memória (*Erinnerungsarbeit*, lemos no caso de *Fraulein Elisabeth von R.*), ou seja, por um levantamento, em ondas sucessivas, da amnésia ou da repressão, que podem ser tomados como equivalentes.

É verdade que as concepções tradicionais da memória e do esquecimento são profundamente modificadas por essa equivalência. Mas acabamos por permanecer relativamente fiéis ao ideal utópico de um Michelet (o de uma “ressurreição completa do passado”, um Michelet cuja vocação de historiador nasceu, quando criança, da visão dos “efígies” no Museu dos monumentos franceses – a sua própria cena primitiva),⁷ ou perto da abordagem paciente e ofegante de um Proust que queria “incorporar o tempo” (na ausência de sua mãe), ou da paixão meticulosa do arqueólogo pelo seu campo de escavação, ou da curiosidade investigativa, mesmo inquisitiva, do escavador de arquivos. Em outras palavras, a memória torna-se mais complicada, mas continua a ser memória.

Esta complicação – as do sistema Ψ em relação ao sistema Φ do *Projeto* – foi muito cedo enfrentada por Freud. Recordemos a célebre passagem dos *Estudos sobre a histeria* relativa à organização da memória. São propostos vários modelos mais ou menos figurados, entre os quais este: “Era como se fôssemos”, escreve Freud, “explorar um arquivo mantido em perfeita

.....

7. Michelet referiu-se várias vezes a essa cena. Escolhi esta passagem de seu curso no Collège de France em 1843 (grifos meus): “Criei a história desses mortos nos seus túmulos, que tornaram *contemporâneos todos os tempos* [...] Se não me tornei um livro ao passar por tantos livros, se continuei a ser um homem, devo isso talvez a essa primeira impressão da infância, forte e verdadeira [...] É algo que *começa pelos túmulos* da França”.

ordem”⁸. Mas essa ordem está sujeita a múltiplas categorias, tal como um arquivo pode ser: cronológico, temático, por palavra-chave ou por grau de acessibilidade etc., quer se trate de “habituais” (o consciente/pré-consciente) ou de “incunábulo” (o inconsciente).

A concepção mais elaborada do traço de memória inscrito em sistemas distintos e capaz de se combinar com outros traços, com um suporte representativo muito diverso, vem dessa metáfora do arquivo: dela deriva a teoria lacaniana do significante. Estamos aqui muito longe da reminiscência, de qualquer evocação da lembrança sempre reconstruída, como o sonho em sua narrativa.

Falar sobre traços mnêmicos, fazer da memória uma combinação (não estou dizendo uma combinatória) incessantemente reelaborada a partir desses traços torna obsoleto o objetivo que Freud, até muito tarde, atribuiu ao tratamento: “preencher as lacunas da memória”, fórmula que, no entanto, às vezes aceitamos, mesmo reconhecendo sua inadequação para o trabalho de análise.

Se quisermos nos aproximar do modo como *de fato* ocorre uma análise, também não deveríamos nos reconhecer nesta outra fórmula que propõe a “reconstrução da história do sujeito” como objetivo do tratamento.

A psicanálise modificou aquilo que entendemos por história, assim como mudou nossa representação da memória. Para os historiadores de hoje, “fazer história” (o título dos volumes coletivos editados por Pierre Nora) já significa construir o

.....

8. FREUD, S. “A psicoterapia da histeria”. In: *Obras Completas*. Trad. Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1893-1895], v.2, p.404.

passado com base em questões e escolhas do presente (o jovem Raymond Aron já demonstrava isso em 1938 em sua tese). Descobrir que o paciente inventa para si sucessivos romances, um romance familiar e um mito pessoal, sustentar, como Serge Viderman, que o analista “constrói” uma história na qual, ao fim, o analisando se reconhecerá, impossibilita diferenciar nosso trabalho daquele dos historiadores que há muito sabem que, mesmo que se atenham estritamente aos *fatos* estabelecidos, a escolha e o encadeamento desses fatos são uma questão de interpretação, que não há história sem construção e mesmo, para os mais ousados, que ficção e verdade andam de mãos dadas. Um historiador tão escrupuloso como Georges Duby chegou a dizer: “De maneira inelutável, o historiador deve sonhar. *Com seriedade, mas sonhar* ”⁹.

Não há histórias de vida em Freud, após ele ter se tornado Freud; nenhuma história de caso, no máximo histórias de doenças ou então, como aconteceu mais tarde com o “homem dos lobos”, este título: “Excerto da (*Aus*, literalmente: de) história de uma neurose infantil”. Neurose infantil, não da infância, uma neurose a ser adivinhada, a ser *revelada* traço a traço: um efeito de arte... E um “excerto da”, ou seja, não o todo, mas fragmentos que só a análise, porque primeiro desconstrói, poderá pôr em contato e conciliar: um quebra-cabeça, por assim dizer, mas sem um “original” para recompor e sem um “*rosebud*” como peça-chave¹⁰; uma rede ferroviária, se quisermos, mas sob a con-

.....

9. Entrevista com Pierre Lepape, *Le Monde* , 26 nov. 1993 (grifo meu).
10. O texto de Freud – *Aus der Geschichte einer infantilen Neurose* – recebeu uma primeira tradução para o francês com o título: *Extrait de l'histoire d'une névrose infantile* (Excerto da história de uma neurose infantil). Uma edição francesa mais recente, lançada pelas Éditions Payot, modificou

dição de que novas rotas se abram, que haja paradas, erros de manobra e até descarrilamentos; um sistema nervoso, mas que não teria centro. Cada um com suas imagens favoritas...

Estranha rememoração, portanto, que não é a de acontecimentos ou cenas vivenciadas (ver o tratamento dado por Freud ao *sonho* do “homem dos lobos”) e que deixa indecisa a qualificação de real ou imaginária. Se toda memória é uma tela, não é porque, como um trem, ela pode sempre esconder outra, mas porque nela os traços, não mais do que traços, estão dispostos em uma forma, em uma representação, que é emoldurada, cercada e está ao alcance. A condensação, o deslocamento, o disfarce do trabalho do sonho, a incorporação do trabalho do luto, estão em ação naquilo que, sem sabermos como denominar, continuaremos a chamar de memória.

Uma história estranha também, aquela que diz respeito a acontecimentos *psíquicos* cuja persistência só é atestada pela sua atualização na sessão. Porque a movimentação das representações e dos afetos que o “sítio”¹¹ analítico permite (quando funciona) produz acontecimentos e também efeitos de sentido. Acontecimento: o que acontece. O sonho: o acontecimento da noite. Transferência: acontecimento, acidente de análise. Em ambos os casos, *saímos* do tempo mensurável, ordenado, da divisão passado-presente-futuro.

.....

ligeiramente o título para *L'Homme aux loups – D'une histoire de névrose infantile*, mais próxima do original. No Brasil, a obra foi traduzida como *História de uma neurose infantil*, o que faz perder o sentido da fragmentação e do caráter parcial que está sendo discutida pelo autor nessa passagem. [N.E.]

11. Cf. FÉDIDA, Pierre. *O sítio do estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1996; e DONNET, Jean-Luc. *Le Divan bien tempéré* [O divã bem temperado]. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

Portanto, não nos cansamos de repetir, com Freud, “que os processos do sistema *Ics* são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo”.¹² Não concluamos tão rapidamente que, onde não há consciência da passagem do tempo, nem *representação* do tempo ordenado, toda temporalidade está ausente. Em vez disso, devemos reler as admiráveis páginas do *Mal-estar*, onde Freud, buscando tornar perceptível aquilo que seria o tempo do nosso “ser psíquico”, recorre à imagem de Roma, a “Cidade Eterna”, ou melhor, transtemporal. Em outro palco, outro tempo, o tempo do outro. Tempos que se justapõem, se misturam, se encaixam, se entrelaçam, simultaneamente colados e desarticulados. Esse tempo que não passa não é a negação do tempo que passa. É a sua realização.

Agora, a *repetição*. O que é repetição? Podemos tranquilamente dizer aquilo a que ela não pode ser reduzida: à constância dos hábitos e dos traços de caráter, padrões de comportamento, à prevalência de um tipo particular de relação de objeto (oral, anal), à permanência de um modo particular de gozo (masoquista, por exemplo). “Os clichês”, observa Freud, “são repetidos regularmente ao longo da vida”.¹³ Identificar esses clichês, tornar o paciente eventualmente consciente deles, não apenas é ineficaz, como pode ser a maneira mais segura de evitar a fantasia subjacente que cria o cenário repetitivo.

.....

12. FREUD, S. “O inconsciente”. In: *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 [1915], v.12, p.128

13. FREUD, S. “A dinâmica da transferência”. In: *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1912), v. 10, p.135.

Aquilo que se repete, não me refiro àquilo que ficamos remoendo, mas aquilo que insiste, é o que não aconteceu, não encontrou seu lugar e que, não tendo conseguido acontecer, não existiu como acontecimento psíquico. O “não-lugar” (*non lieu*) na justiça absolve o sujeito de seus atos.¹⁴ Este é o paradoxo da repetição. Como no teatro, repetimos, mas na ausência, no vazio de qualquer texto. Repetimos o que está fora do texto, o *inserido*, não o *impresso*, algo bem diferente das notas de rodapé ou das palavras dispersas e dos rabiscos escritos nas margens, todos eles, sinais benignos do reprimido.

No cerne da compulsão à repetição vejo algo diferente do resultado da derrota dos nossos desejos e, conseqüentemente, por causa de sua incompletude, a exigência de *retomá-los* – retomar o carrossel, retomar a costura.¹⁵ Se há falha, é a da própria capacidade de representação.

Foi uma constatação difícil para Freud, que colocou em questão toda a sua concepção de análise “interessante”, aquela que, como sua Gradiva, avança e traz nova vida, aquela que, de traço em traço, autoriza interpretações, construções e, estimulada pelo Eros analítico, multiplica trajetos por meio de redes associativas, por meio de vestígios e ruínas. Sim, é uma constatação desencantada que abre “Além do princípio do prazer”: “É por isso que o paciente repete como vivência atual em vez de recordar.” “Como preferiria o médico”, acrescenta. Que confissão!

.....

14. No sistema judiciário francês, um juiz pode decidir pelo *non lieu* de uma ação qualquer, isto é, pode entender que não houve crime ou elementos que justifiquem o prosseguimento da ação. [N.E.]

15. *La reprise* [A retomada] é o título da nova tradução do livro de Kierkegaard feita por Nelly Viallaneix. Paris: Flammarion, 1990, que é mais precisa do que aquela geralmente aceita [*La répétition*]. [ed. port.: KIERKEGAARD, S. *A repetição*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Relógio d'Água, 2010].